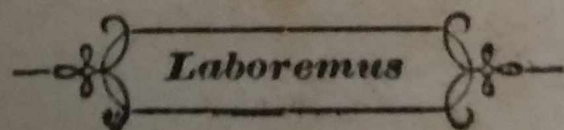


~~~~~

POEMAS

MODERNOS



SANTOS

~~~~~

M DCCC LXXVII

Ninguém poderá reimprimir estes versos.

TYP. A VAPOR DO DIARIO DE SANTOS

34 — RUA DE SANTO ANTONIO — 34



21.688  
—  
1975

# OS LAZAROS



*A meu PAI e meu primeiro AMIGO*



## OS LAZAROS

---

*Elles vinham de além, batidos pela fome.*

*Era a miseria immunda, a miseria sem nome,  
Que floresce no lôdo, & á luz meridional,  
Passeia a podridão, syphilitica & immoral,  
Escandalosamente ao longo das estradas,  
Como as fezes no esgôto & as grossas enxurradas.*

*Talvez que fossem dez ou vinte ou trinta ou mais!  
Contal-os dava pena: a conta pouco faz;  
Mas vinham quasi nús, hediondos & chagados,  
Uns a pé, coxeando, & outros escanchados  
Em torpes animâes que, ao vêl-os, por signal,  
Dissereis sem temôr tocados pelo mal.*

De tudo havia ali — homem, mulher, creança.  
 — Era o inferno de Dante em miniatura; a alliança  
 De tudo quanto é grande & tudo quanto é ruim:  
 O sangue corrompido & o amor de seraphim;  
 O delta social, segundo a lei, complecto:  
 O pai, a mãe & o filho — um todo fraco & abjecto.

Elles vinham de além — trazendo em cada olhar  
 O soffrimento & a dôr; no entanto um riso alvar,  
 Nevralgico, insolente, a errar de espaço a espaço,  
 Tinia pelo ar, como se fôra d'aço.  
 Quando o riso cessava, enorme imprecação,  
 Um grito obscuro, um ai, vibrava n'amplidão.

E assim foram entrando as portas da cidade,  
 Como quem vae tomar de assalto a caridade.

Era no mez de maio, o dia em que o Senhor  
 Mandara á sua Igreja o deus consolador,  
 O espirito divino, em linguas azuladas  
 De fogo, a fim de instruir as gentes bem amadas,  
 Confirmando-as na fé. Costuma sempre dar  
 A Igreja nesse dia ao pobre o que jantar,  
 Cumprindo uma só vez o que ella — sempre — havia  
 Ensinado a pedir: — o pão de cada dia.

É uso aqui então, & em todo o interior,  
Eleger-se entre os fiéis um rico «Imperador»,  
O qual, de crôa & sceptro & em meio da «folia»,  
Leva o «Imperio» onde o chama a immensa freguezia,  
Cedendo a cada um, por graça especial,  
De carne & de farinha uma ração igual.  
— O «Imperio», já se vê, é feito á custa alheia:  
O povo faz a festa & o Imperador . . . passcia!

Nisto, como no mais, o illustre «Imperador  
Do divino» é igual a El-rei-nosso-senhor.

Como subditos fiéis a partilhar do «Imperio»  
Elles vinham tambem; mas tendo o ministerio  
Achado ao «deus dará» o erario popular,  
Desta vez foi o rei . . . mandou-os passear,  
Como quem manda á missa ou a plantar batatas:  
— Remedio para a fome & para as cataratas.

Foram elles então, & em falta de melhor,  
— Como sob a pressão do puz rompe o tumôr —  
Pozeram-se a vagar nas ruas da cidade  
Infeccionando o ambiente & armando á caridade,  
— A mais bella expressão do social dever,  
Do altruismo em acção, que é a lei do Grande-Ser,

Com voz phenomenal, com voz roufenha, um mixto  
 D'aguardente & escorbuto a murmurar: « Sum Christo! »  
 « Sum Christo! Uma esmolinha! amor de Deus, senhor! »  
 E parava & estendia a mão gafada . . . horrôr!

« Sum Christo! » E a tilintar no prato ou na sacola,  
 De quando em vez, cahia a azinhavrada esmola.

A esmola nunca falta aqui pelo sertão  
 A quem n'a pede: & mais quem dá é o coração.  
 Ora, nesse domingo, havia a cada canto  
 Um caipira que andava em honra ao Espirito-Santo,  
 D'aqui para acolá, com toda a devoção,  
 — Da farinha ao arroz & do milho ao feijão,  
 Mercando pela feira o escasso mantimento,  
 Que trouxera da roça em cima de um jumento.

Era o caso que havia um movimento igual  
 Ao das santas missões, quaresma ou carnaval:  
 — Tanto é certo que o bom do interesse humano  
 Põe sempre o que é sagrado ao pé do que é profano.

E em meio do confuso & alegre esvosear  
 D'actividade humana — a vida — a batalhar  
 Na lucta colossal da troca & do trabalho,

Onde o operario canta ao retinir do malho . . .  
Como um grito de dôr erguido para os céos,  
A morte ao pé da vida a blasphemar de Deus,  
Interrogando-o audaz: « Senhor, porque é que existo? »  
Se ouvia aquella voz a murmurar: « Sum Christo! »  
— « Sum Christo! » Essa ironia amarga que a Jesus  
Parecia invejar o supplicio da cruz!

« Sum Christo! » E cada qual no prato ou na sacola  
Do lazaro infeliz ia depondo a esmola.

Eram elles que ali, por entre a multidão,  
Qual no amago a paina occulta a podridão,  
Andavam a pedir o pão de cada dia,  
Como o verme que péde á terra a entranha fria,  
Onde ha de transformar-se um dia numa flôr  
Ou na fibra voraz d'algum imperador.

Eram elles ainda — os lazaros — que vinham  
Dizer á consciencia humana o que sentiam,  
Bradando alto & bom som aos lazaros sociâes:  
« Dae-nos esmola, irmãos; nós somos bem iguâes.  
— Um pouco de mercurio ou então de estrichinina —  
A vontade! — que é essa a nossa triste sina,  
A sina de um leproso, o destino de um cão,



Que nunca teve mãe, porém que é vosso irmão.  
 Quando a morte vier, dissei á Edilidade  
 Que nos mande varrer com o lixo da cidade »  
 Sim! pois que ali mesmo, ao sol meridional,  
 Estavam elles dando a hediondez carnal  
 Em banquete nojento ás torpes varejeiras,  
 Enquanto iam dizendo as phrases costumeiras.

« Sum Christo! » E já no prato ou na sacola então  
 Não cahia sequer . . . um « favoreça, irmão ».

. . . . .  
 Até que a multidão enfim foi dispersando  
 Pela cidade além, ligeira como um bando  
 D'aves de arribação que vam em pleno mar  
 De volta de outro clima em busca de outro lar.

Nada restava mais. — E como fosse bôa  
 A collecta do dia, então foram-se á tóa  
 Pelas ruas a andar, movendo a podridão  
 Nauscabunda & immoral, como um leproso cão  
 Que pede um ponta-pé & ao qual dá-se uma bóla:  
 — O cão é mais feliz, porque não pede esmola!  
 Porque ao menos tem o olhar de seu senhor

E o lazaro infeliz a todos causa horror!  
Talvez por isso mesmo aquella infame troça,  
Em vez de ir-se d'ali direito para a roça  
Soffrer dignamente as penas do seo mal. . .  
Levada pelo ardor do instincto bestial,  
Como tinha dinheiro, entrou numa taverna  
E foi na embriaguez sonhar a vida eterna,  
Implorar á aguardente o esquecimento á dôr  
E rir de quem lhe foge, olhando-a com terror.  
Depois, só bem depois, sahio pelas estradas  
Cambaleando & a rir, mas rindo ás gargalhadas.

E eu via-a lentamente ao longe se afastar,  
Partido o coração de dôr & de pezar,  
Pensando que a miseria é uma triste cousa  
Que só pode estar bem debaixo de uma louza,  
—Principalmente quando está ligada a um mal  
Sem cura & que provoca uma aversão geral—  
Até que se sumio na dobra de um caminho,  
Deixando após somente um vago borborinho.

A feira era deserta. Havia pelo chão  
Nodoas de sangue & lixo: —a acre exhalção  
De um campo de batalha, aonde, entre destroços,

*A carne apodreceo, largando-se dos ossos.  
Talvez que mesmo ali quem procurasse bem . . .  
Achasse corações — talvez! — podres tambem!  
Por parte dos edis os corvos carniceiros  
Vinham fazer o enterro aos corpos dos guerreiros  
Com toda a compunção, sem pompa & sem latim,  
Involvendo-os com a aza . . . aza de corvo emfim.  
E eu puz-me a reflectir comigo: — que si o Estado  
Tem para Deus o altar, quartel para o soldado  
E para o criminoso o codigo penal . . .  
Devia ter tambem p'ra o lazaro o hospital.*

*E um lazaro, ao passar por mim, ouvindo isto,  
Com lagrimas na voz poz-se a dizer: « Sum Christo! »*

